



SOCIEDADE  
CRISE E RECONFIGURAÇÕES

# VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

---

ÁREA TEMÁTICA: Família e Género

---

**MANUTENÇÃO DE UMA BAIXA FECUNDIDADE *VERSUS* ALTERAÇÃO DA DIMENSÃO IDEAL DA FAMÍLIA NO SUL DA EUROPA**

---

MACIEL, Andreia  
Doutoranda em Sociologia  
Universidade de Évora/CIDEHUS  
abfmaciел@fa.uevora.pt

---

MENDES, Maria Filomena  
Doutorada em Sociologia  
Universidade de Évora/CIDEHUS  
mmendes@uevora.pt

---

INFANTE, Paulo  
Doutorado em Matemática  
Universidade de Évora/CIMA  
pinfante@uevora.pt



### Resumo

O adiamento da entrada na vida reprodutiva, referido como uma das principais causas quer do declínio da fecundidade por período, quer da sua manutenção em níveis substancialmente baixos, gerou a expectativa de que as alterações demográficas ora registadas sejam meramente temporárias e de que no seu término haveria uma recuperação dos níveis da fecundidade. Contudo, ultimamente, tem-se suscitado o receio de que os diminutos níveis de fecundidade do momento possam ser não somente o resultado do adiamento do nascimento dos filhos, mas também da sua renúncia parcial.

Neste contexto, o nosso objetivo será verificar se existem diferenças na dimensão ideal da família consoante os grupos etários, e se, de facto, as coortes mais jovens apresentam uma preferência por uma família com menor descendência, bem como averiguar se o número ideal de filhos difere entre homens e mulheres. Pretende-se, ainda, perceber em que medida as diferenças entre o número de filhos que os indivíduos têm reportado como o ideal para a sua família e o número de filhos nascidos são influenciados por aquelas covariáveis. Para a construção de indicadores demográficos e a análise estatística vamos utilizar os dados do Eurobarómetro 2006. Ao nível metodológico, a análise estatística assenta fundamentalmente em testes não paramétricos e modelos lineares generalizados.

### Abstract

The postponement of motherhood referred as major cause of both the decline in period fertility and its maintenance at substantially low levels, led to expect that the current demographic changes are merely temporary and at the time of postponing stopped it would register a recovery in fertility levels. However, lately, has raised the question that very low levels of period fertility may be not only the result of postponing, but also consequence of the renunciation of births.

In this context, our goal is to understand if there are differences in ideal family size according to age groups, and in fact if the younger cohorts have a preference for a family with smaller offspring, and also to evaluate if the ideal number of children differs between men and women. The aim is additionally to understand in what way differences between the number of children that individuals have reported as ideal for their own families and the number of children born is influenced by these covariates. For the construction of demographic and statistical analysis we use data from the Eurobarometer 2006. At the methodological level, the statistical analysis is based primarily on non-parametric tests and generalized linear models.

Palavras-chave: número ideal de filhos, sexo, fecundidade, filhos tidos, regressão logística

Keywords: ideal number of children, sex, fertility, children born, logistic regression

[ PAP0402]



## Introdução

O comportamento reprodutivo é um processo complexo e sujeito a várias condicionantes. Enquanto uns colocam o principal enfoque nos aspetos macro e na sua atuação sobre a dinâmica demográfica, outros enfatizam a influência dos aspetos micro, determinantes definidos a partir da escolha dos casais (Alves, 2004), no esforço de se tentar perceber os motivos que conduzem à redução da fecundidade e em muitos casos, à sua manutenção abaixo do limiar necessário à renovação das gerações, como se tem verificado nos países desenvolvidos. Segundo Frejka e Sobotka (2008), em 2005 não existia um único país europeu com índice sintético de fecundidade (ISF)<sup>i</sup> igual ou superior ao nível de substituição das gerações, que, nas atuais condições de mortalidade, é igual a 2,1 filhos por mulher. Entretanto, enquanto alguns destes países, já manifestam sinais de recuperação, outros países insistem em apresentar níveis de fecundidade ainda singularmente diminutos.

Relativamente à descendência ideal, Morgan e Rackin (2010, sublinham que existe uma pressão normativa em sentidos opostos: para “cima” advinda das preocupações sobre as consequências psicológicas de se conceber descendências muito reduzidas (filho único), e para “baixo” em que se considera que um grande número de crianças pode diluir os recursos necessários para a manutenção de um padrão de vida adequado para a família e para a plena realização dos potenciais de cada criança, encaradas cada vez mais, como um bem de consumo emocional (Bauman, 2004).

O resultado mais visível da permanência do ISF em patamares expressivamente reduzidos é o agravamento do processo de envelhecimento populacional e a consequente elevação dos riscos de se atingir, futuramente, profundos desequilíbrios económicos decorrentes do estreitamento da base da pirâmide etária e distensão do seu ápice -quer pelo aumento do volume de pessoas que atingem idades mais avançadas, quer pelo maior período de tempo que aí permanecem, devido o aumento da esperança de vida. O que significará uma cada vez mais reduzida população de adultos em idade ativa terá de apoiar os encargos exigidos por uma população idosa alargada. Esta população em consequência das alterações do padrão epidemiológico - enfermidades típicas da velhice em que sobressaem as doenças crónicas e degenerativas, de custos mais elevados e exigentes em cuidados prolongados (Veras, 2009; Veras & Parahyba, 2007) - tenderá a exercer forte pressão sobre os sistemas de saúde, bem como sobre o sistema de segurança social, acentuando o risco dos seus recursos se tornarem exíguos. Desta forma, a manutenção da fecundidade em níveis expressivamente reduzidos não possui consequências apenas demográficas, mas também socioeconómicas (Mendes & Rego, 2006).

Um dos fatores comumente referido como razão da baixa fecundidade do momento tem sido o aumento da idade média da entrada na vida reprodutiva que ocorre, na maioria das vezes, em simultâneo com a elevação da idade da entrada no matrimónio (Van de Kaa, 2002; Oliveira, 2007), motivado sobretudo pelo alargamento do percurso escolar (McDonald, 2008) e facilitado pela existência e difusão de modernos métodos de contraceção, visto por alguns estudiosos como Leridon (1987) e Van de Kaa (2002), como um elemento da liberdade pessoal. Para Giddens (1993) a restrição da dimensão familiar foi simultaneamente condição e consequência da introdução dos modernos métodos contraceptivos, sendo que, no decurso das últimas décadas, a sexualidade pôde libertar-se das necessidades de reprodução, principalmente na vertente feminina.

O aumento da idade média ao nascimento do primeiro filho conduziria a distorções demográficas temporárias, específicas do processo de adiamento, já que, durante os anos em que a fecundidade é protelada, há uma depressão nas taxas de fecundidade, sem necessariamente significar mudanças (redução) subjacentes nos níveis da fecundidade (Frejka & Sobotka, 2008; Goldstein, Sobotka & Jasilioniene, 2009). Bongaarts e Feeney (1998) argumentam que um aumento na idade média da fecundidade faz com que o ISF (de momento) se apresente aquém da descendência média completa (medida ao final do período fecundo, por coorte ou geração), pois posteriormente haveria uma recuperação dos nascimentos atrasados, especialmente entre as mulheres sem filhos (Frejka & Sobotka, 2008).

Assim, quando a idade da procriação deixar de aumentar e os efeitos do adiamento forem eliminados, espera-se que a fecundidade venha a aumentar, como aconteceu nos Estados Unidos no final dos anos 80, onde os

mais baixos níveis de fecundidade experimentados pelo país resultaram, em grande parte, do aumento da idade do nascimento do primeiro filho (Bongaarts & Feeney, 1998). Desta forma, há uma expectativa de que as distorções demográficas (baixas taxas de fecundidade por idade das mães) ora apresentadas possam ser sintomas meramente temporários. Na Europa do Sul, Goldstein *et al.*, (2009) também apontam que a baixa fecundidade parece estar associada com o adiamento da transição para a vida adulta e da maternidade/paternidade para idades mais tardias.

Contudo, se por um lado existe uma expectativa otimista sobre uma possível recuperação dos nascimentos adiados, por outro lado, vislumbra-se o receio de que as coortes sociabilizadas em regimes de baixa fecundidade possam vir a desenvolver preferências por famílias de padrões reduzidos, como ultimamente têm reportado as austríacas e alemãs (Sobotka, 2009; Lutz, Skirbekk & Testa, 2006; Goldstein, Lutz & Testa, 2003). Como alertou Goldstein *et al.* (2003), é difícil conjecturar que a baixa fecundidade possa subsistir indeterminadamente sem se fazer acompanhar de subsequentes modificações nas dimensões ideais da família. Em sociedades que apresentam reduzida dimensão familiar, durante sucessivas décadas, haveria menor pressão social sobre os jovens para aumentarem a sua descendência, o que pode conduzir a que não se venha a recuperar os nascimentos adiados, especialmente no caso do segundo filho, cuja recuperação, tende a ser mais fraca que a do primeiro filho (Frejka & Sobotka, 2008). Estudo realizado por Zsolt e Balázs (2009) na Hungria também constatou que as pessoas que já tinham um ou mais filhos, nomeadamente, os que com mais do que um, eram mais propensas a abandonar as suas intenções iniciais de fecundidade.

O número ideal de filhos parece ser muitas vezes o “teto hipotético” ou o máximo de filhos que os indivíduos consideram ideal para si, se (e talvez somente se) as expectativas que têm acerca do futuro se concretizarem conforme esperam (Sobotka, 2009). Isto significa que as intenções da fecundidade são dinâmicas e podem ajustar-se conforme o avançar da idade, em função de constrangimentos práticos vivenciados pelos indivíduos no seu dia-a-dia, tais como o desemprego, a dificuldade em conciliar vida familiar e trabalho, o rompimento de relações conjugais, bem como, em função da experiência de paternidade (Goldstein *et al.*, 2003). Este ajustamento dinâmico faz com que, no longo prazo, as intenções iniciais de fecundidade acabem por não permanecer estáveis devido ao facto de as pessoas encontrarem obstáculos imprevistos (Philipov, 2011) e acabarem por não conseguir concretizar determinadas expectativas, impelindo ao ajustamento do “ideal familiar” para baixo, como também aponta Liefbroer (2009).

De forma similar, Regnier-Loilier (2006) defende que o reajustamento das intenções sobre a fecundidade ocorre sobretudo a partir do momento em que a experiência da criação dos filhos se torna realista. Este argumento pode tornar-se um fator explicativo sobre os motivos que fazem com que a recuperação do nascimento do segundo filho seja mais fraca do que a do primeiro, quando os indivíduos ainda se encontram desconectados da realidade que a paternidade envolve. Goldstein *et al.* (2003) destacam, em concordância, que embora as pesquisas sobre fecundidade e os estudos sobre o valor dos filhos na Europa continuem a apontar para uma descendência ideal acima dos dois filhos por mulher, o número de filhos já nascidos mantém-se bastante inferior.

Liefbroer (2009) salienta que os adultos jovens que habitualmente avaliam o seu futuro como relativamente cheio de oportunidades, em face dos resultados das suas experiências concretas nos domínios da vida familiar e profissional, tendem a ajustar para baixo as suas intenções relativamente à dimensão ideal da família. Os estudos de Morgan e Rackin (2010) atestam que a probabilidade de se falhar o “alvo”, ou seja, de que a fecundidade alcançada não seja igual à anteriormente desejada, é maior entre os jovens, tendendo a diminuir conforme se move para idades mais avançadas, cujos períodos de previsão são bem mais curtos. Assim, as baixas taxas de fecundidade de momento podem ser o resultado do desejo por famílias idealmente de menor dimensão, bem como de um ajustamento do ideal familiar para “baixo”, advindo principalmente das experiências e dificuldades encontradas ao longo do ciclo de vida reprodutivo, sendo que uma conjugação de ambos poderia vir a resultar num declínio ainda maior nos níveis da fecundidade.

Para Billari e Kohler (2003), a redução da fecundidade e o seu adiamento para idades mais tardias afigura-se como uma resposta racional às mudanças socioeconómicas. Na análise de Sobotka (2008), a baixa e muito baixa fecundidade na Europa resultam principalmente dos numerosos constrangimentos estruturais e institucionais que influenciam negativamente as decisões de fecundidade dos indivíduos, podendo haver em

alguns casos uma mudança na dimensão ideal da família e o desejo de uma fecundidade de sub-reposição de gerações. Contudo, Goldstein et al. (2003, p. 489), referem que, na maioria dos países da UE15<sup>ii</sup>, a “preferência” das coortes mais jovens por uma família de menor dimensão não parece ser resultado dos constrangimentos socioeconómicos, que os tornaria mais céticos quanto às suas competências para assegurar os meios essenciais para a criação dos filhos. Baseiam-se na constatação de que em países como a Áustria e a Alemanha onde se registam menores taxas de desemprego entre jovens se observa uma preferência por uma descendência mais diminuta, enquanto em países como a Espanha e a Grécia, cujas taxas de desemprego são mais elevadas, a dimensão familiar ideal é maior.

Ainda segundo Liefbroer (2009), em muitas sociedades existem ideias mais ou menos explícitas quanto à sequência de determinadas ocorrências na biografia dos indivíduos, ou seja, na ordem segundo a qual devem ocorrer os objetivos e eventos ao longo do ciclo de vida. Entre as mulheres mais escolarizadas, por exemplo, o percurso até à maternidade é frequentemente marcado pela sucessão: graduação, emprego e casamento (Sobotka, 2008). De acordo com esta sucessão, antes da entrada na vida reprodutiva há uma série de outros objetivos a alcançar, o que indica que qualquer atraso num destes domínios se repercutirá, provavelmente, sobre a fecundidade e, em especial, sobre a dimensão ideal da família.

Além disso, como destacou Van de Kaa (2002, p. 24), há um outro aspecto essencial a ser considerado, que é “o que as pessoas desejam da vida”. Quando um ou mais objetivos colidem, possivelmente será “o que esperam da vida” que norteará a seleção do prioritário. Neste sentido, num contexto de crescente importância da autorrealização (Sobotka, 2008), em que os desejos de satisfação se concentram cada vez mais no “aqui e agora”, Van de Kaa (2002, p. 24) questiona quão importante é ter um parceiro e filhos relativamente a outros objetivos, como construir uma carreira? Se anteriormente a maternidade desempenhava a fonte principal do estatuto feminino, atualmente tem de concorrer com outras alternativas, tais como, a atividade profissional (Cunha, 2007), o que faz com que as considerações individuais sobre a fecundidade sejam cada vez mais baseadas na associação custo/benefício (Van de Kaa, 2002). Assim, este parece ser mais um fator a somar nas decisões de fecundidade, pois famílias de menor dimensão levam a uma maior participação das mulheres na força de trabalho (Bloom & Sousa-Poza, 2010). O facto de participar mais ativamente no mercado de trabalho reforça a sua independência económica e financeira (Lim, 2002) torna-as cada vez menos dispostas a suportar relações conjugais que considerem disfuncionais (Reher, 2011). Por oposição, famílias de maior dimensão terão, especificamente, o efeito contrário, na medida em que “originam maiores custos associados aos cuidados maternos” (Oliveira, 2007, p.7). McDonald (2000) defende que um dos principais objetivos das mulheres ao reduzir o número de filhos será precisamente mudar as suas condições de vida.

Sobotka (2008) acrescenta ainda que as dificuldades peculiares à formação adequada dos filhos podem emergir como razão importante para não se ter mais do que um filho. Em simultâneo, com a gradual perda da função produtiva dos filhos verifica-se ainda uma ascensão do seu estatuto, com o alargamento do seu período de dependência em relação aos pais e maiores investimentos quer na sua criação, quer na sua educação. Para Ariès (1980), a generalização do planeamento familiar e a redução do número de filhos desejados adveio precisamente da maior preocupação e propósito dos pais em promover a ascensão social dos filhos. Lee e Mason (2010) e Reher (2011) também referem que as despesas com capital humano por filho são substancialmente maiores onde a fecundidade é menor. Parafraseando Badinter (1985, p. 212), “mais vale ter poucos filhos [...] bem-postos na vida, do que uma prole numerosa mas de destino incerto”. Assim, a preocupação com a mobilidade social dos filhos vem adicionar-se às razões que conduzem ao ajustamento “para baixo” da dimensão ideal familiar.

## Dados e Métodos

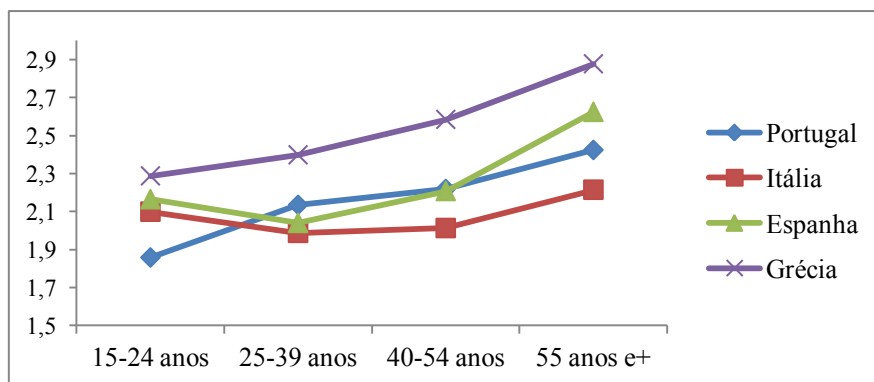
Os dados utilizados na análise são oriundos do Eurobarómetro 2006. A amostra inicial era composta por 4023 indivíduos de ambos os sexos. Contudo, para testar a associação entre o número de filhos considerados ideal<sup>iii</sup> e a sua relação com o sexo e o grupo etário, foram excluídos todos os casos em que a variável de interesse (número de filhos ideal) apresentava “não respostas” ou apresentava como resposta “Não existe

ideal, tudo depende”, uma vez que não impossibilitava a comparação. Desta forma, a amostra final restringiu-se a 3689 respondentes: 874 de Itália, da Grécia 980, de Espanha 916 e, de Portugal 919. Relativamente ao sexo, observa-se uma maior representação do sexo feminino. Quanto à idade, temos um maior número de observações no estrato mais envelhecido e um menor número de observações no grupo etário mais jovem. As observações distribuem-se em 450 pessoas no grupo 15-24 anos; 893 no grupo 25-39 anos; 874 no grupo 40-54 anos e; 1382 no grupo dos 55 anos e mais, respectivamente.

## Análise dos dados

Atendendo ao primeiro objetivo proposto, procurámos verificar se o número médio ideal de filhos difere consoante os quatro grupos etários e o sexo (os respetivos desvios padrão encontram-se no anexo1). Na Figura 1, observamos que, de facto, os dois grupos mais jovens têm um ideal médio inferior aos dois grupos mais envelhecidos nos quatro países considerados. Observamos ainda que o número médio ideal de filhos na Grécia demonstra uma tendência crescente com o avançar da idade. Itália e Espanha apresentam um ligeiro declínio quando se transita do grupo 15-24 para o grupo 25-39 anos, fazendo com que o ideal se situe abaixo da norma dos 2 filhos. Estes resultados apontam no sentido de uma reconfiguração a partir do momento em que os adultos jovens começam a entrar na vida reprodutiva, provavelmente em função dos constrangimentos estruturais experimentados por este grupo à medida que transitam para a vida adulta. Todavia, este mesmo raciocínio não se aplica para Portugal, onde a exemplo da Grécia, o ideal apresenta tendência crescente com o avançar da idade. No entanto, deve-se ressaltar que enquanto os Gregos partem de ideais em torno de 2,3 filhos, em Portugal parte-se de ideais muito mais baixos: 1,8 filhos.

**Figura 1 - Número médio ideal de filhos por grupo etário**

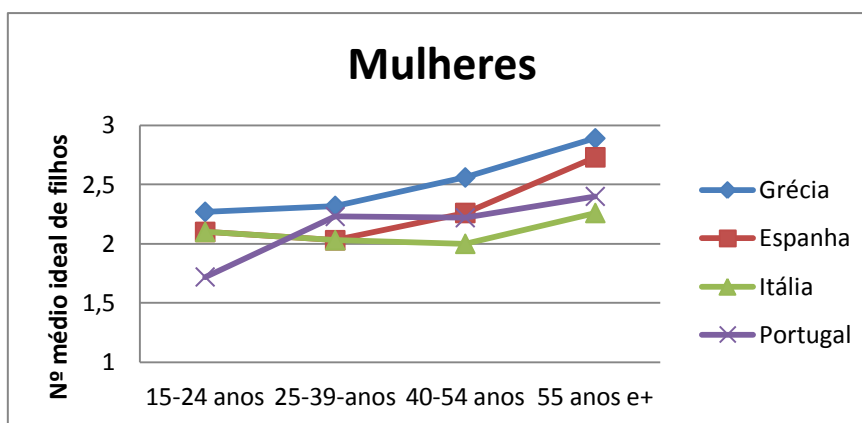


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurobarómetro 2006

Em relação ao sexo, conjuntamente com o grupo etário, podemos observar algumas dissemelhanças entre países. Em todos eles o número médio ideal de filhos é mais elevado no último grupo etário, em ambos os sexos, permitindo sugerir que as coortes mais envelhecidas tinham um ideal superior às mais jovens. Na Grécia, tanto o sexo feminino quanto o masculino apresentam uma ascensão do ideal à medida que a idade avança. Também é neste país que os ideais médios, em todos os grupos etários, são mais elevados. Portugal, no sexo feminino, cujo ideal é o único que se situa abaixo dos 2 filhos no grupo 15-24 anos, revela um expressivo aumento quando se passa para o grupo etário seguinte, apresentando ainda nova subida a partir dos 40-54 anos. Na vertente masculina, só se verifica aumento do número ideal médio a partir do grupo 40-54 anos. Em Espanha e Itália, ambos os sexos, revelam comportamentos semelhantes face ao número ideal de filhos: observa-se um ligeiro reajuste para baixo do grupo 15-24 para o grupo 25-39 e maiores ideais no grupo 55 anos ou mais. Em Itália, ambos os sexos apresentam também um comportamento semelhante relativamente ao ideal (Figuras 2 e 3).

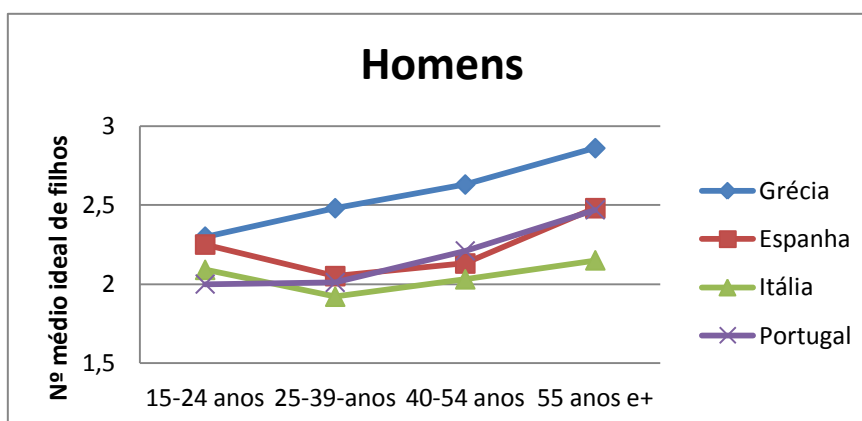


**Figura 2- Número ideal médio de filhos, sexo feminino, idade e país**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurobarómetro 2006

**Figura 3- Número ideal médio de filhos, sexo masculino, idade e país**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurobarómetro 2006

Para realizar a análise entre o número de filhos considerados ideal e sua relação com a idade, continuámos a considerar os quatro grupos etários estabelecidos anteriormente. Contudo, agrupámos em três categorias o número ideal de filhos: ideal inferior a 2 filhos; ideal igual a 2 e; superior a 2. A razão pela qual se utilizou o ideal “2” como ponto de corte, deveu-se ao facto de a maioria dos respondentes referir ser este o seu ideal, sendo este valor também a mediana em todos os quatro países analisados.

A aplicação do teste de Cochran-Mantel-Haenszel permitiu concluir que a associação entre grupos etários e o número ideal de filhos é significativa, condicionalmente ao sexo, em Portugal, Espanha e Grécia (valores  $p < 0,001$ ) e que também é significativa a associação entre o sexo e o número ideal de filhos, condicionalmente ao grupo etário em Portugal (valor  $p = 0,014$ ) e Espanha (valor  $p = 0,004$ ).

Realizamos de seguida uma abordagem diferente, estudando a associação entre o número ideal de filhos e os grupos etários, sem controlar o sexo, e entre o número ideal de filhos e o sexo, sem controlar o grupo etário. Os resultados dos valores dos testes qui-quadrado de Pearson e a observação dos resíduos daí resultantes permitem-nos retirar, entre outras as seguintes conclusões:

1) Em Portugal o número ideal de filhos está associado ao sexo (valor  $p = 0,010$ ). No sexo masculino regista-se uma preferência pelos 2 filhos e uma clara não preferência por um número ideal inferior a 2 filhos. No sexo feminino regista-se uma não preferência pelos 2 filhos e uma clara preferência por um número ideal de filhos inferior a 2. Esta associação entre sexo e número ideal de filhos também é significativa em Espanha (valor  $p = 0,005$ ), mas as não preferências no sexo masculino são mais relevantes para um número ideal de filhos superior a 2 por oposição ao sexo feminino. Já para Itália (valor  $p = 0,21$ ) e para a Grécia (valor  $p = 0,94$ ) não se registaram associações significativas entre o número ideal de filhos e o sexo.

2) Em Portugal, Espanha e Grécia registou-se uma associação significativa entre número ideal de filhos e grupo etário (valor  $p < 0,001$ ), enquanto para Itália essa associação não se mostrou significativa (valor  $p = 0,18$ ). Em Portugal, as classes etárias associadas aos mais jovens (até 40 anos) afastam-se claramente de um ideal de filhos superior a 2 [estando muito associada a 2 filhos como ideal], enquanto a classe dos mais idosos (55 ou mais anos) está vincadamente associada a esse número ideal de filhos. Na Grécia regista-se também o mesmo afastamento ao ideal superior a 2 para as classes mais jovens (sendo de realçar uma nítida preferência por 2 filhos como ideal na classe 15-24 anos e por menos de 2 filhos como ideal na classe 25-39 anos) enquanto a classe dos mais idosos (55 ou mais anos) está mais vincadamente associada a mais de 2 filhos como ideal. Finalmente, em Espanha são as classes 25-39 e 55 anos e+ as responsáveis pela associação significativa com o número ideal de filhos, registando-se na classe 25-39 anos uma não preferência por 2 ou mais filhos e uma maior preferência por menos de 2 filhos, enquanto na classe de 55 ou + anos se regista o oposto, sendo particularmente vincada a preferência nesta classe por um ideal de filhos superior a 2.

Podemos, ainda, analisar a influência das covariáveis sexo, grupo etário e país no número ideal de filhos categorizada em 3 categorias (menos do que 2 filhos, 2filhos, e mais que 2 filhos) averiguando simultaneamente a existência de interações significativas entre estas. Para tal, ajustámos um modelo logístico multinomial com categoria de referência os filhos como valor ideal (Tabela 1). Depois de obtido este modelo, foram analisados separadamente, para análise de resíduos e estudo de bondade de ajustamento os dois submodelos logísticos subjacentes.

**Tabela1 – Coeficientes, desvio padrão e valores p do modelo logístico multinomial, usando 2 filhos como categoria de referência, abaixo de 2 filhos como primeira categoria e acima de 2 filhos como segunda categoria**

Variável	Valor do Coeficiente	Desvio padrão do coeficiente	Valor p
<b>1: GE (40-54)<sup>a</sup></b>	0,138	0,129	0,286
<b>2: GE (40-54)<sup>a</sup></b>	0,235	0,101	0,020
<b>1: GE (55+)<sup>a</sup></b>	-0,238	0,126	0,060
<b>2: GE (55+)<sup>a</sup></b>	0,845	0,088	<0,001
<b>1: Itália<sup>b</sup></b>	0,262	0,136	0,055
<b>2: Itália<sup>b</sup></b>	0,006	0,117	0,961
<b>1: Grécia<sup>b</sup></b>	-0,783	0,179	<0,001
<b>2: Grécia<sup>b</sup></b>	0,904	0,104	<0,001
<b>1: Espanha<sup>b</sup></b>	-0,016	0,144	0,914
<b>2: Espanha<sup>b</sup></b>	0,412	0,108	<0,001
<b>1: Sexo<sup>c</sup></b>	0,297	0,108	0,006
<b>2: Sexo<sup>c</sup></b>	0,248	0,077	0,001
<b>1: Constante</b>	-1,794	0,211	<0,001
<b>2: Constante</b>	-1,679	0,158	<0,001

<sup>a</sup> Os indivíduos entre 15 e 39 anos são a categoria de referência

<sup>b</sup> Portugal é o país de referência

<sup>c</sup> O sexo masculino é a categoria de referência

A partir dos resultados obtidos, e admitindo como constantes as restantes covariáveis, podemos retirar as seguintes conclusões:

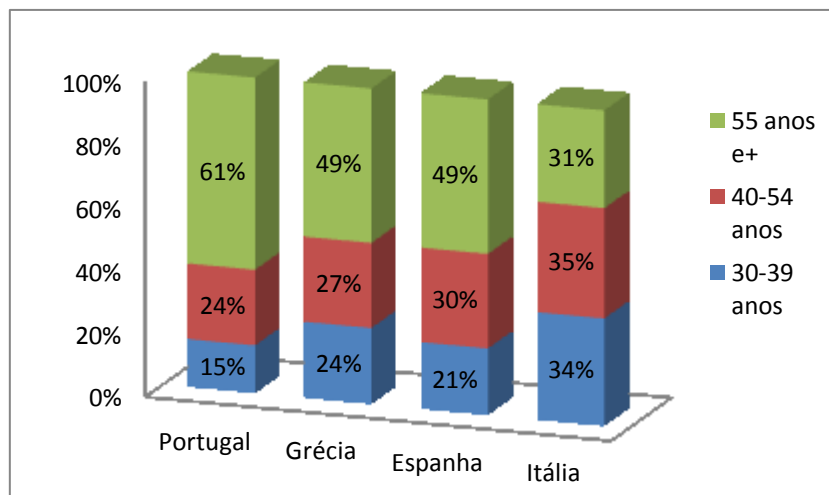
- Uma pessoa na faixa dos 40 aos 54 anos tem um pouco mais de 25% mais possibilidades de ter um ideal superior a 2 filhos relativamente a uma pessoa mais jovem ( $IC_{95\%} = ]4\%; 54\%[$ );
- Uma pessoa com 55 ou mais anos tem quase 2,5 vezes mais possibilidades de ter um ideal superior a 2 filhos ( $IC_{95\%} = ]2,0; 2,8[$ ) relativamente a uma pessoa com menos de 40 anos;
- Uma pessoa do sexo feminino tem 35% mais de possibilidades de ter um ideal inferior a 2 filhos ( $IC_{95\%} = ]9\%; 66\%[$ ) e quase 30% mais de possibilidades de ter um ideal superior a 2 filhos ( $IC_{95\%} = ]10\%; 49\%[$ ) relativamente a alguém do sexo masculino.
- Uma pessoa natural da Grécia tem 2,5 vezes mais possibilidades de ter um ideal superior a 2 filhos ( $IC_{95\%} = ]2,0; 3,0[$ ) quando comparada com uma pessoa natural de Portugal; já alguém natural de Portugal tem um pouco mais do dobro de possibilidades de ter um ideal inferior a 2 filhos ( $IC_{95\%} = ]1,5; 3,1[$ ) quando comparado com alguém natural da Grécia;
- Uma pessoa natural de Espanha tem 1,5 vezes mais possibilidade de ter um ideal superior a 2 filhos ( $IC_{95\%} = ]1,2; 1,9[$ ) quando comparada com uma pessoa natural de Portugal.

### Análise estatística da diferença entre o número ideal de filhos e o número de filhos tidos

Para realizarmos uma análise da variável “diferença entre o número ideal de filhos e filhos efetivamente tidos”, em função do grupo etário, do sexo e do país, optámos por excluir da amostra os indivíduos com idades inferiores aos 30 anos. Uma vez que a idade média da fecundidade gira em torno dos 30 anos de idade, bem como do nascimento do primeiro filho que, em Portugal ocorre por volta dos 29 anos e em Espanha já ultrapassou a barreira dos 30 anos (dados de 2010, fornecidos pelos respetivos Institutos Nacionais de Estatística), as idades mais jovens poderiam enviesar os resultados. Portanto, a amostra que anteriormente era de 3689 respondentes ficou reduzida a 3190 indivíduos.

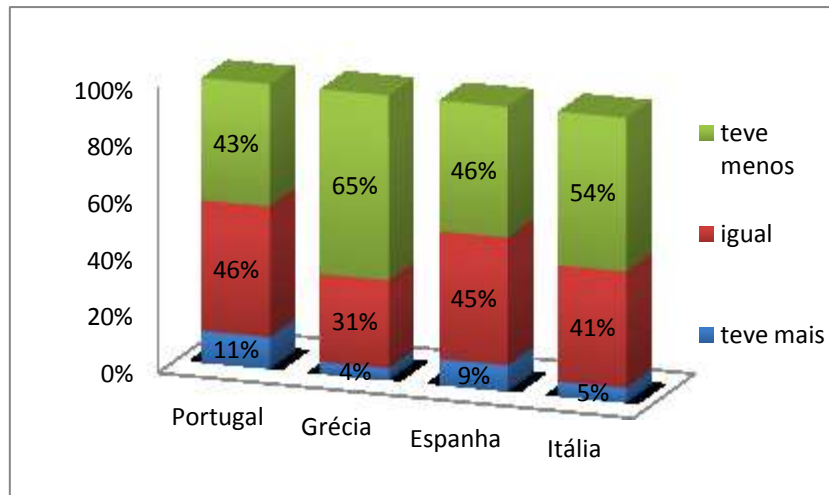
Antes de avançarmos para uma análise mais específica é importante perceber como se distribuem os 3 grupos etários considerados nas sub-amostras dos países analisados. Como se pode observar na Figura 4, a sub-amostra correspondente a Portugal é a mais envelhecida, sendo constituída por quase 2/3 de pessoas com 55 ou+ anos. Também para a Grécia e Espanha as amostras são muito envelhecidas sendo constituídas por metade dos indivíduos com 55 ou mais anos. No caso da Itália, é semelhante a proporção de pessoas em cada classe etária. É importante ter esta caracterização presente na análise dos resultados subsequentes de modo a não cometer nenhum erro de análise por enviesamento dos mesmos.

**Figura 4 - Proporção de pessoas por classe etária na amostra de cada país**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurobarómetro 2006

**Figura 5 – Proporções do número de filhos tidos relativamente ao ideal, por país**

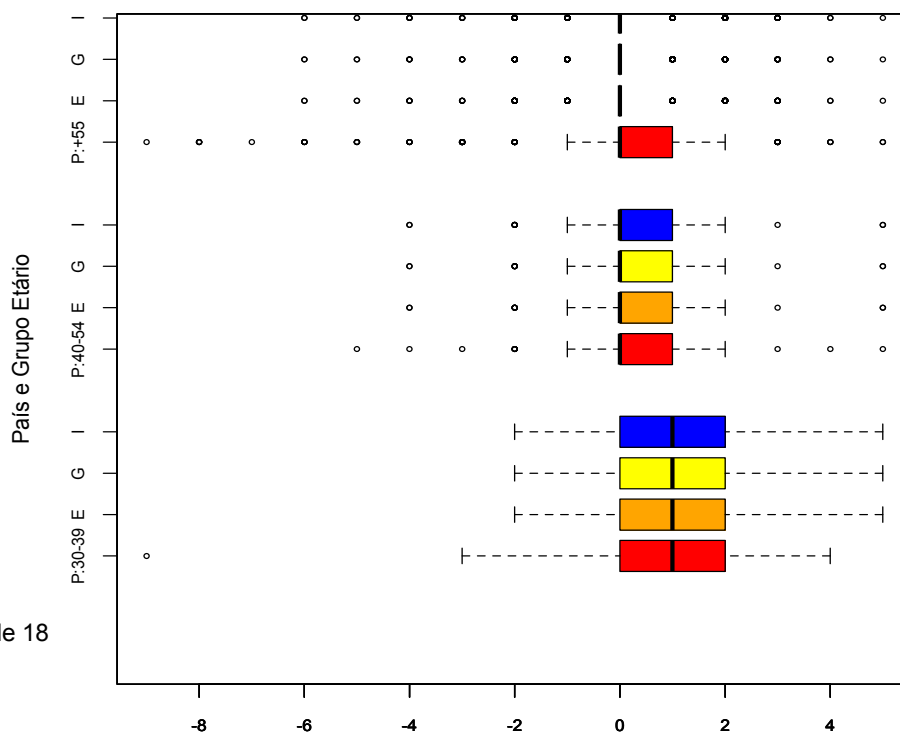


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Eurobarómetro 2006

A Figura 5 mostra as proporções do número de filhos tidos relativamente ao ideal, por país. Como se pode observar a Grécia e a Itália são os países em que a proporção dos que tiveram menos do que o ideal é maior. Portugal é, simultaneamente, o país onde a proporção dos que tiveram menos é menor e dos que igualam o ideal ou teve mais é maior.

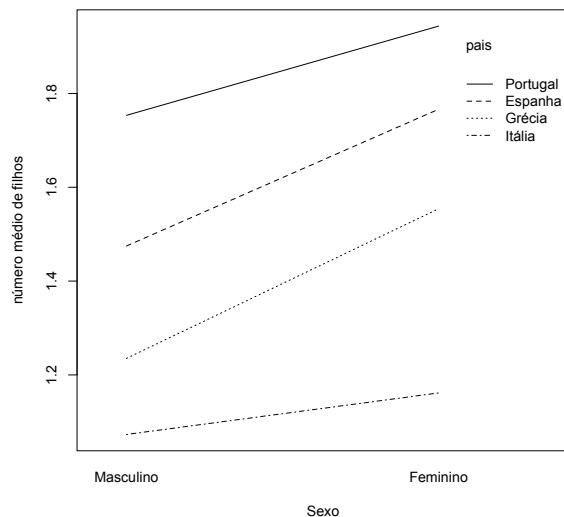
Pela observação da Figura 6 podemos verificar que a mediana desta variável é igual a zero em todas as classes etárias excetuando a classe dos mais novos, caso em que é positiva. Mais especificamente, podemos dizer que metade dos indivíduos entre 30 e 39 anos têm um número ideal de filhos superior ao número atual de filhos, enquanto nos restantes grupos etários, pelo menos 75% dos indivíduos, têm um ideal de filhos igual ao número de filhos efetivamente tidos (mediana coincide com o primeiro quartil). Por outro lado, a dispersão associada a esta variável é maior no grupo etário 30-39 anos, caso em que a variável é aproximadamente simétrica e em que apenas existe um *outlier* para Portugal (um caso em que o número ideal de filhos é muito inferior ao número de filhos tidos). Para a classe dos 55 ou mais anos é notória a existência de imensos *outliers* que indicam casos com um número de filhos quer acima, quer abaixo do ideal e, para Espanha, Grécia e Itália, todos os valores que não se consideram *outliers* correspondem a casos em que o número ideal coincide com o número de filhos efetivamente tidos.

**Figura 6 – Diagramas de extremos e quartis para a diferença entre número ideal de filhos e número de filhos tidos por grupo etário (30-39, 40-54, 55e+) e por país (P- Portugal, E- Espanha, G- Grécia; I- Itália)**

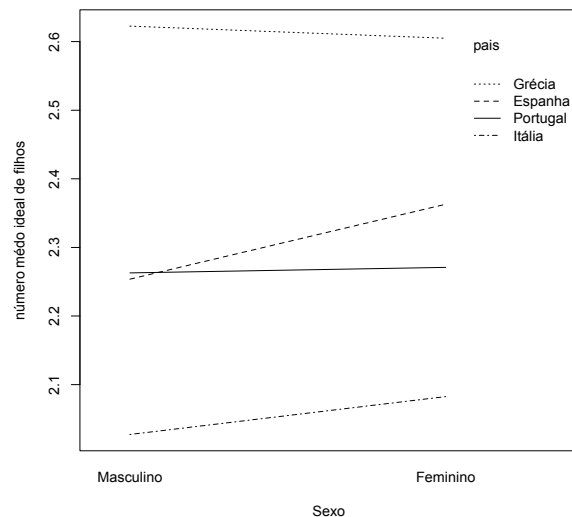


Nas Figuras 7 e 8 podemos observar o comportamento dos dois sexos no que comporta ao número médio de filhos efetivamente tidos e número médio ideal de filhos. Notamos que o número médio de filhos é maior para o sexo feminino, registando-se a menor diferença em Itália. Esta tendência apenas se mantém para Itália e Espanha quando se observa o número médio ideal de filhos, registando-se valores bastante idênticos entre os dois sexos em Portugal e na Grécia.

**Figura 7 – Número médio de filhos por sexo**



**Figura 8 – Número médio ideal de filhos por sexo**



Como vimos, aquando da observação da Figura 3, é fundamental controlar a variável país e grupo etário neste tipo de estudos e, particularmente, quando envolve a variável filhos tidos usando dados do Eurobarómetro (2006). Começamos, então, por categorizar a variável correspondente à diferença entre o número ideal de filhos e o número de filhos tidos, para a amostra truncada para idades superiores ou iguais a 30 anos, em 3 categorias: número de filhos inferior ao ideal; número de filhos igual ao ideal; número de filhos superior ao ideal.

**Tabela 2- Coeficientes e desvios padrão estimados do modelo logístico com variável resposta número de filhos tidos superior ao ideal vs igual ao ideal (modelo 1) e número de filhos tidos inferior ao ideal vs igual ao ideal (modelo 2)**

Variável	Valor do Coeficiente	Desvio padrão do coeficiente	Valor p
<b>1: GE (40-54) <sup>a</sup></b>	0,055	0,253	0,829
<b>1: GE (55+)</b>	0,635	0,300	0,006
<b>1: Itália <sup>b</sup></b>	-0,558	0,200	0,005
<b>1: Grécia</b>	-0,689	0,212	0,001
<b>1: Espanha</b>	-0,203	0,168	0,227
<b>1: Constante</b>	-1,836	0,236	<0,001
<b>2: GE (40-54)</b>	-1,165	0,282	<0,001
<b>2: GE (55+)</b>	-1,751	0,258	<0,001

<b>2: Itália</b>	0,111	0,244	0,648
<b>2: Grécia</b>	0,506	0,259	0,051
<b>2: Espanha</b>	-0,249	0,258	0,334
<b>2: Sexo (Feminino) <sup>c</sup></b>	-0,500	0,171	0,004
<b>2: GE (40-54)*Feminino</b>	0,454	0,225	0,044
<b>2: GE (55+)*Feminino</b>	0,585	0,213	0,006
<b>2: GE (40-54)*Itália</b>	-0,271	0,319	0,395
<b>2: GE (55+)*Itália</b>	-0,266	0,317	0,402
<b>2: GE (40-54)*Grécia</b>	-0,187	0,333	0,574
<b>2: GE (55+)*Grécia</b>	0,666	0,302	0,027
<b>2: GE (40-54)*Espanha</b>	-0,031	0,334	0,927
<b>2: GE (55+)*Espanha</b>	0,186	0,310	0,550
<b>2: Constante <sup>e</sup></b>	0,863	0,219	<0,001

<sup>a</sup> Os indivíduos entre 30 e 39 anos são a categoria de referência

<sup>b</sup> Portugal é o país de referência

<sup>c</sup> O sexo masculino é a categoria de referência

Tomando como covariáveis o sexo, o grupo etário e o país utilizaram-se diferentes abordagens com vista a estudar a influência destas na variável diferença. Como o modelo de regressão ordinal com *odds* proporcionais não se mostrou apropriado, uma vez que o pressuposto de *odds* proporcionais não se verifica, e não sendo possível ajustar, por problemas de convergência, o modelo multinomial geral quando se considera mais de uma interação, ajustámos o modelo estereótipo ordinal e dois modelos logísticos (número de filhos inferior ao ideal *versus* número de filhos igual ao ideal e número de filhos superior ao ideal *versus* número de filhos igual ao ideal). Ambos os modelos conduziram a resultados análogos, mas optámos pelos dois modelos logísticos pela sua maior facilidade de interpretação e porque ambos os modelos passaram no teste de bondade de ajustamento de Hosmer e Lemeshow (Tabela 2).

A partir dos resultados obtidos, e admitindo como constantes as restantes variáveis, podemos retirar as seguintes conclusões:

- Uma pessoa com 55 ou mais anos tem aproximadamente o dobro da possibilidade de ter um número de filhos superior ao seu ideal pessoal ( $IC_{95\%} = ]1,2; 3,0[$ ) relativamente a uma pessoa entre 30 e 39 anos;
- Uma pessoa natural de Portugal tem 1,7 vezes mais possibilidades de ter um número de filhos superior ao seu ideal ( $IC_{95\%} = ]1,2; 2,6[$ ) relativamente a uma pessoa natural de Itália, subindo as possibilidades para o dobro quando comparada com uma pessoa natural da Grécia ( $IC_{95\%} = ]1,3; 3,0[$ );
- O sexo não é fator significativo para explicar a ocorrência de um número de nascimentos superior ao ideal relativamente a um número de nascimentos igual ao ideal.
- Uma pessoa do sexo masculino na faixa etária entre os 30 e os 39 anos tem 1,6 vezes mais possibilidades de ter um número de filhos inferior ao ideal relativamente a uma pessoa do sexo feminino da mesma faixa etária ( $IC_{95\%} = ]1,2; 2,3[$ );
- Uma pessoa com mais de 55 anos natural da Grécia tem um pouco mais do triplo das possibilidades de ter um número de filhos inferior ao ideal relativamente a uma pessoa natural de Portugal da mesma idade ( $IC_{95\%} = ]2,4; 4,4[$ );

- Uma pessoa do sexo feminino na faixa etária entre os 30 e os 39 anos tem o dobro das possibilidades de ter um número de filhos inferior ao ideal relativamente a uma pessoa do mesmo sexo na faixa etária entre os 40 e os 54 anos ( $IC_{95\%} = ]1,2; 3,4[$ ) e tem um pouco mais do triplo das possibilidades que uma outra do mesmo sexo com 55 ou mais anos ( $IC_{95\%} = ]2,0; 5,2[$ );
- Uma pessoa do sexo masculino na faixa etária entre os 30 e os 39 anos tem um pouco mais do triplo das possibilidades de ter um número de filhos inferior ao ideal relativamente a uma pessoa do mesmo sexo na faixa etária entre os 40 e os 54 anos ( $IC_{95\%} = ]1,8; 5,6[$ ) e quase 6 vezes mais possibilidades que uma outra do mesmo sexo com 55 ou mais anos ( $IC_{95\%} = ]3,5; 9,5[$ );
- Para alguém natural de Portugal com uma idade entre 30 e 39 anos, a possibilidade de ter um número de filhos inferior ao ideal é tripla de alguém com uma idade entre 40 e 54 anos ( $IC_{95\%} = ]1,8; 5,6[$ ) e quase 6 vezes maior que a de alguém com 55 ou mais anos ( $IC_{95\%} = ]3,5; 9,5[$ );
- Para alguém natural de Itália com uma idade entre 30 e 39 anos, a possibilidade de ter um número de filhos inferior ao ideal é 4 vezes superior à de alguém com uma idade entre 40 e 54 anos ( $IC_{95\%} = ]2,6; 6,8[$ ) e quase 7.5 vezes maior que a de alguém com 55 ou mais anos ( $IC_{95\%} = ]4,5; 12,5[$ );
- Para alguém natural da Grécia com uma idade entre 30 e 39 anos, a possibilidade de ter um número de filhos inferior ao ideal é quatro vezes superior à de alguém com uma idade entre 40 e 54 anos ( $IC_{95\%} = ]2,3; 6,4[$ ) e quase 3 vezes maior que a de alguém com 55 ou mais anos ( $IC_{95\%} = ]1,8; 4,7[$ );
- Para alguém natural de Espanha com uma idade entre 30 e 39 anos, a possibilidade de ter um número de filhos inferior ao ideal é mais do triplo da de alguém com uma idade entre 40 e 54 anos ( $IC_{95\%} = ]2,9; 5,4[$ ) e quase 5 vezes maior que a de alguém com 55 ou mais anos ( $IC_{95\%} = ]3,0; 7,7[$ ).

O evento de uma pessoa com 55 anos ou mais anos ter mais possibilidade de ter um número de filhos superior ao seu ideal relativamente a uma pessoa entre 30 e 39 anos, deve-se ao fato de esta primeira ter ficado exposta por muito mais tempo ao risco de procriar, enquanto a segunda, cuja possibilidade de ter uma fecundidade realizada inferior ao ideal é maior, ainda está em tempo útil de alcançar (ou aproximar-se do número de filhos que considera ideal).

Embora o sexo não seja fator significativo para explicar a ocorrência de um número de nascimentos superior ao ideal relativamente a um número de nascimentos igual ao ideal, quando se trata de ter um número de filhos inferior ao ideal, os homens do grupo etário mais jovem apresentam mais possibilidades que as mulheres deste grupo.

A dimensão ideal da família parece ser dinâmica, podendo ser reajustada consoante o avançar da idade. Se de um lado os jovens encaram o seu futuro como relativamente cheio de oportunidades e face aos constrangimentos inesperados ao longo de seu período reprodutivo reformulam, geralmente para baixo, a sua dimensão familiar, por outro lado, quando se analisa a dimensão familiar das coortes cujo período fecundo já chegou ao seu termo, deparamo-nos com uma outra questão: é que não há como saber se as preferências expressas pelos respondentes não são simplesmente uma ratificação *a posteriori* do número de filhos já tidos (Régnier-Loilier, 2006). Como preveniram Testa e Grilli (2004) muitas pessoas simplesmente têm dificuldades em admitir que tiveram uma fecundidade superior ao seu ideal. Quem tinha uma dimensão ideal de “zero filhos”, mas acabou por ter um filho, dificilmente admitirá que seu ideal inicial era zero.

## Considerações Finais

O número médio ideal de filhos parece ser de fato maior nos grupos etários com idades mais avançadas e menor nos grupos etários mais jovens, sendo que em alguns casos parece haver um “reajuste” para baixo quando se passa do grupo 15-24 para o grupo 25-39 anos. Portugal apresenta os mais baixos ideais no grupo mais jovem e a Grécia os mais elevados. A associação entre número ideal de filhos e grupo etário revelou-se bastante significativa em Portugal, Espanha e Grécia (valores  $p < 0,001$ ). Em Portugal os dois grupos mais jovens estão muito associados a 2 filhos como ideal, afastando-se de ideias superiores a 2. Este mesmo afastamento é verificado tanto na Grécia quanto na Espanha, com o grupo 25-39 anos registando preferências

por ideais por menos de 2 filhos. As análises realizadas também apontam no sentido de que quanto mais elevada é a idade, maior a possibilidade de ter um número ideal de filhos superior a 2.

Também se verifica em Portugal uma associação significativa em relação ao sexo (valor  $p=0,010$ ), com os homens registando preferência pelo ideal igual a 2 filhos e as mulheres preferência por um número ideal de filhos inferior a 2. Em Espanha também é significativa a associação do número ideal de filhos e o sexo (valor  $p=0,005$ ), mas ao contrário dos homens que demonstram clara preferência pelo ideal dos 2 filhos, as mulheres revelam uma não preferência por este mesmo ideal.

As mulheres, relativamente aos homens, têm mais possibilidades tanto de ter um ideal inferior quanto superior a 2 filhos. No grupo etário mais jovem são os homens quem apresentam mais possibilidades de ter um número de filhos inferior ao ideal. As possibilidades de se ter um número de filhos superior ao seu ideal são maiores para o grupo etário dos 55 anos e mais, enquanto as possibilidades de se ter um número de filhos inferior ao ideal são maiores no grupo 30-39 anos. Os naturais de Portugal têm mais possibilidades de ter um número de filhos superior ao ideal relativamente aos naturais de Itália e Grécia.

## Referências bibliográficas

Alves, J.E. Diniz (2004). *Questões Demográficas: Fecundidade e Gênero*. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Ciências Estatísticas, nº9, 43p. Acedido em 19/02/2010. <http://www.ence.edu.br/>

Ariès, Philippe (1980). Two successive motivations for the declining birth rate in the West. *Population and Development Review*. 6(4), 645-650.

Badinter, Elizabeth (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Bauman, Zigmunt (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor.

Billari, Francesco & Kohler, Hans-Peter (2003). Patterns of Lowest-low Fertility in Europe. <http://paa2004.princeton.edu/>

Bloom, David E. & Sousa-Poza, A. (2010). Economic consequences of low fertility in Europe. [Discussion papers 11-2010]. University of Hohenheim, Center for Research on Innovation and Services (FZID). Acedido em 09/03/2011.

<http://econstor.eu/>

Bongaarts, John & Feeney, Griffith (1998). On the Quantum and Tempo of Fertility. *Population and Development Review* 24(2), 271-91. <http://www.populationcouncil.com>

Cunha, Vanessa (2007). O lugar dos filhos na. Ideias, práticas e significados. Lisboa: *Imprensa de Ciências Sociais*. <http://www.ics.ul.pt/instituto/>

Frejka, Tomas & Sobotka, Tomáš (2008). Overview Chapter 1: Fertility in Europe: Diverse, delayed and below replacement. *Demographic Research*, 19(1), 15-46. <http://www.demographic-research.org/>

Giddens, Anthony (1993). *A transformação da intimidade: amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Goldstein, J. R., Sobotka, Tomáš & Jasilionine, A. (2009). The end of “lowest-low” fertility? *Population and Development Review* 35(4), 663-699. Acedido em 24/02/2011

Goldstein, Joshua, Lutz Wolfgang & Testa, Maria Rita. (2003). The emergence of sub-replacement family size ideals in Europe. *Population Research and Policy Review*. 22(5-6), 479-496. Acedido em 04/06/2011

Lee, Ronald & Mason, Andrew (2010). Fertility, Human Capital, and Economic Growth over the Demographic Transition. *Eur J. Population* 26, 159-182. Acedido em 27/02/2011. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/>



- Leridon, Henri (1987). Le Seconde Révolution Contraceptive: la Régulation des Naissances en France de 1950 à 1985. Présentation d'un Cahier de l'INED. In: *Population*, 42(2), 359-367. Acedido em 28/01/2011. <http://www.persee.fr/>
- Liefbroer, Aart C. (2009). Changes in family size intentions across young adulthood: a life-course perspective. *European Journal Population* 25,363-386. Acedido em 07/02/2012. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/>
- Lim, Lin Lean (2002). Female labour-force participation. pp.201-221. Acedido em 26/01/2011. <http://www.un.org/esa/population/>
- Lutz, Wolfgang, Skirbekk, Vegard & Testa, Maria Rita (2006). The low fertility trap hypothesis. Forces that may lead to further postponement and fewer births in Europe. *Vienna Yearbook of Population Research*, 167-192. <http://hw.oeaw.ac.at/>
- Mcdonald, Peter (2008). Very Low Fertility: Consequences, Causes and Policy Approaches. *The Japanese Journal of Population*, 6(1). Acedido em 04/06/2011. <http://www.ipss.go.jp>
- Mcdonald, Peter (2000). Gender Equity in Theories of Fertility Transition. *Population and Development Review*, 26(3), 427-439. Acedido em 04/06/2011. <http://www.jstor.org/>
- Mendes, Maria Filomena & Rego, Conceição (2006). Baixa fecundidade nos países do Sul da Europa: a importância das desigualdades na educação e na participação no mercado de trabalho, ao nível regional. [Estudo em elaboração no âmbito do projecto POCTI/DEM/59445/ 2004]. Acedido em 19/05/2010. <http://www.cidehus.uevora.pt/>
- Morgan, S. Philip & Rackin, Heather (2010). The correspondence Between Fertility Intentions and Behavior in the United States. *Popul Dev Rev.* 2010 March ; 36(1), 91–118. Acedido em 25/02/2012. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/>
- Oliveira, Isabel Tiago (2007). Fecundidade e Educação. *Revista de Estudos Demográficos*, nº 40, 5-19, Lisboa: INE.
- Philipov, Dimiter (2011). Theories on fertility intentions: a demographer's perspective. *Vienna Yearbook of Population Research*, vol.9, 37-45. Acedido em 13/02/2012. <http://hw.oeaw.ac.at/>
- Regnier-Loilier, Arnaud (2006). Influence of own sibship size on the number of children desired at various times of life. The case of France. *Population*, 61, 165–194. Acedido em 16/02/2012. <http://www.cairn.info/>
- Reher, David S. (2011). Economic and Social Implications of the Demographic Transition. *Population and Development Review*, 37, 11–33. Acedido em 05/03/2011. <http://onlinelibrary.wiley.com/>
- Sobotka, Tomáš (2009). Sub-Replacement Fertility Intentions in Austria. *European Journal of Population*, 25, 387–412
- Sobotka, Tomáš (2008). The diverse faces of the Second Demographic Transition in Europe. *Demographic Research*, July 2008, 19(8), 171-224. Acedido em 13/12/2010. <http://www.demographic-research.org/>
- Van de Kaa, Dirk J. (2002). The idea of a Second Demographic Transition in industrialized countries. [Paper presented at the Sixth Welfare Policy Seminar of the National Institute of Population and Social Security]. Tokyo, Japan, 29 January 2002. Acedido em 14/02/2010. <http://www.ipss.go.jp/>
- Veras, Renato P. (2009). Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Rev. Saúde Pública* [online], 43(3), 548-554. Acedido em 19/12/2009. <http://www.scielo.br/>
- Veras, Renato P. & Parahyba, Maria Isabel (2007). O anacronismo dos modelos assistenciais para os idosos na área da saúde: desafios para o setor privado. *Cad. Saude Pub.* [online], 23(10), 2479-89. Acedido em 16/04/2010. <http://www.scielo.br/>

Zsolt, Spéder & Balázs, Kapitány (2009). How are Time-Dependent Childbearing Intentions Realized? Realization, Postponement, Abandonment, Bringing Forward. *European Journal of Population*, 25, 503–523. Acedido em 07/12/2012. <http://peer.ccsd.cnrs.fr/>

## Sites

<http://www.ine.pt/>

<http://www.ine.es/>

## Anexo

### Anexo1- Desvios padrão do número médio ideal de filhos por grupo etário e do número ideal médio de filhos, segundo o sexo, o grupo etário e o país

Sexo	País	15-24 anos	25-39 anos	40-54 anos	55 anos e+
Ambos (Figura 1)	Portugal	0.723	0.901	0.959	1.200
	Itália	0.885	0.868	0.912	0.963
	Espanha	0.884	0.899	1.056	1.231
	Grécia	0.780	0.951	1.048	0.968
Homens (Figura 3)	Portugal	0.707	0.819	0,928	1,194
	Itália	0.919	0.811	0,899	1,001
	Espanha	0.860	0.877	1.150	1.072
	Grécia	0.845	1.061	1.100	1.071
Mulheres (Figura 2)	Portugal	0.719	0.953	0.983	1.204
	Itália	0.876	0.901	0.922	0.939
	Espanha	0.903	0.922	0.984	1.331
	Grécia	0.728	0.833	1.018	0.901

<sup>i</sup> Índice Sintético de Fecundidade representa o número médio de filhos que cada mulher deixa na população ao longo de todo o seu período fértil, se se mantiverem as mesmas taxas de fecundidade por idades observadas no período em análise.

<sup>ii</sup> UE15 – refere-se aos primeiros 15 países que passaram a integrar a União Europeia

<sup>iii</sup> Seleccionámos a variável “número de filhos ideal para si”, i. e., para o respondente, em detrimento da variável que regista o ideal para uma família, em termos gerais, no país de residência. Assim, em toda a análise apresentada será sempre esta a variável considerada